

NOTA DE ABERTURA

Apresentamos aos nossos leitores o *Boletim de Estudos Clássicos* nº 63, de 2018.

Este número, como vem sendo apanágio do BEC, contempla uma variedade de propostas de leituras indiciadoras da abrangência dos Estudos Clássicos e da sua capacidade de recriação de novos temas, de conexão com outras áreas de estudos, de ponto de partida para reflexões sobre os fenômenos do mundo contemporâneo, não esquecendo, claro, o propósito de divulgação dos textos em Latim e em Grego, numa perspectiva de os tornar acessíveis e interessantes a qualquer leitor, seja este um especialista, seja um estudante, seja um amador dos temas da Antiguidade.

Continuamos a privilegiar as primeiras experiências de produção acadêmica dos jovens investigadores, a tradução de textos latinos ou gregos menos conhecidos, os temas da recepção da cultura clássica e, acima de tudo, a proximidade com a comunidade docente e discente dos Estudos Clássicos globalmente considerados: línguas, literaturas, filosofia, história, arqueologia, arte, todas elas com impacto na comunicação pedagógica e didática e com viabilidade para serem transportadas para a dinâmica das salas de aula, sejam estas do ensino não superior sejam do ensino superior.

Intergeracionalidade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade. Termos aparentemente complexos, mas esclarecidos pelos prefixos latinos que os iniciam. Aos clássicos, nada é alheio.

Tempos difíceis para os Estudos Clássicos são estes. Em 2017, a Grécia tornou optativa a frequência, para os seus alunos do ensino obrigatório, a aprendizagem do Grego Antigo. Nos países românicos, retrai-se o espaço curricular dado à aprendizagem do Latim desde há anos, ocupado

por aquisições tidas por mais funcionais, mais práticas, mais úteis em tempos de maior tecnicismo.

E, no entanto, emergem pequenas luzes de otimismo, que acenderam, ou que se mantêm luminosas: aumenta o número de escolas que fornece a Introdução à Cultura e às Línguas Clássicas no 2º e 3º ciclo; dinamizam-se ações de formação junto dos professores habilitados em Português e Latim no sentido de os estimular, e às escolas em que estão integrados, a recuperar a opção específica de Latim no currículo do 10º ano; palestras, conferências, visitas a escolas têm, por iniciativas das associações promotoras dos Estudos Clássicos (APEC, APLG, CLENARDVS), com sucesso, contribuído para a presença desta área de estudos em espaço escolar. A Universidade de Lisboa, Coimbra, Porto e Braga mantêm a oferta de mestrados em Ensino de Português para o 3º ciclo e Ensino Secundário e de Latim no Ensino Secundário, as duas primeiras referidas com oferta plena dos três ciclos (licenciatura, mestrado, doutoramento), num programa coerente de docência e de pesquisa apoiado nos Centros de investigação nelas sedeados, respetivamente, o Centro de Estudos Clássicos e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, que congregam investigadores e docentes nacionais e estrangeiros.

O ensaio com que abrimos esta edição do BEC, revisitando um episódio da história da Inglaterra facilmente transponível para outros espaços nacionais e outras épocas, alerta-nos para a fragilidade das Humanidades nas instituições académicas como um sinal a anteceder a sua própria falência e a sua própria irrelevância num contexto em que a educação deixa de ser concebida para a integralidade da pessoa enquanto fim em si e passa a servir a necessidade da produção de recursos profissionais, instrumentalizando a pessoa.

Acreditamos que os Estudos Clássicos, a sua defesa, a sua difusão, a sua divulgação, a sua integração em programas educativos participa, com benefício, na promoção de melhores pessoas, mais educadas, mais instruídas, mais sensíveis à diferença, mais altruístas e mais abertos

ao outro global, porque globais e multiculturais eram as civilizações grega e latina. Não fechemos, portanto, as portas. E, se estas parecem fechar-se, que mil janelas se escancarem.

Boas Leituras!

PAULA BARATA DIAS

